

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the design.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A TRANSFORMAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELOS EDIFÍCIOS RURAIS, ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A IDADE MÉDIA, NO TROÇO MÉDIO DO VALE DO GUADIANA (ALENTEJO, PORTUGAL)

João António Ferreira Marques¹

RESUMO

Os edifícios podem ser caracterizados como objetos funcionais em que os materiais ou elementos são estruturados e organizados para que estes funcionem para uma determinada finalidade ou conjunto de finalidades. Acresce a estes, a dimensão do estilo, constituída pela decoração, embelezamento ou mesmo modificações de forma, que se tornam um meio pelo qual as identidades culturais são conhecidas e perpetuadas. Os edifícios reúnem, assim, elementos de um objeto físico com uma certa forma, mas também criam e ordenam os volumes de espaço vazio, resultando num padrão com significado cultural.

Os pequenos sítios e conjuntos rurais intervencionados em finais dos anos 90 do século XX no âmbito da minimização de impactes da construção da Barragem de Alqueva contribuíram para o conhecimento do povoamento rural na região submergida pelo seu regolfo, designadamente entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média. Os locais estudados apresentam diferentes orgânicas internas, com adaptabilidade e modelação às necessidades da comunidade e ao terreno.

A arqueologia doméstica é, assim, um meio essencial para identificar a organização espacial destas pequenas unidades ou núcleos rurais, bem como para tipificar a respetiva arquitetura e identificar o uso social e relacioná-los com a respetiva identidade cultural.

Palavras-chave: Estruturas arqueológicas; Arqueologia Doméstica; Edifícios Rurais; Antiguidade Tardia; Idade Média.

ABSTRACT

Buildings can be characterized as functional objects in which materials or elements are structured and organized so that they work for a particular purpose or set of purposes. Added to these, the dimension of style, consisting of decoration, embellishment or even changes in shape, which become a means by which cultural identities are known and perpetuated. Buildings thus bring together elements of a physical object with a certain shape, but also create and order the volumes of empty space, resulting in a pattern with cultural significance.

The small sites and rural complexes intervened in the late 90s of the 20th century within the scope of minimizing the impacts of the construction of the Alqueva Dam, contributed to the knowledge of the rural settlement in the region submerged by its regulf, namely between Late Antiquity and the Middle Ages. The locations studied have different internal structures, with adaptability and modeling to the needs of the community and the terrain. Domestic archeology is, therefore, an essential means of identifying the spatial organization of these small rural units or nuclei, as well as typifying the respective architecture and identifying the social use and relating it to the respective cultural identity.

Keywords: Archaeological Structures; Domestic Archeology; Rural Buildings; Late Antiquity; Middle Ages.

1. AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses; CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património / jmarques64@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O conjunto de sítios que aqui são abordados foram intervencionados em finais dos anos 90 do século XX na margem direita do rio Guadiana, concelho de Reguengos de Monsaraz, no âmbito da minimização de impactes da construção da Barragem de Alqueva, que anteriormente foram objeto de estudo monográfico (Marques & *alii*, 2014) e de uma mais recente análise da problemática do povoamento, da arquitetura e da lógica dos espaços (Marques, 2023). A área de investigação correspondia à do regolfo de Alqueva, e foi essencialmente limitada à cota 152 m do nível pleno de armazenamento (NPA) da barragem, o que poderá ter excluído povoamentos concentrados em altura, situados em cotas mais elevadas. Os pequenos sítios e conjuntos rurais intervencionados contribuíram para o conhecimento do povoamento rural na região submergida pelo seu regolfo, designadamente entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média.

Estes elementos, remanescentes de uma arquitetura rural doméstica adaptada às condições naturais do território, apresentam características tipológicas e sistemas construtivos com uma longa duração regional, variando, essencialmente, em dimensão e em localização, denotando as condições edafoclimáticas, na transição para um clima mais seco e uma crescente rarefação demográfica.

2. A ARQUEOLOGIA DOMÉSTICA

A arqueologia doméstica é essencial para identificar a organização espacial das pequenas unidades ou núcleos rurais, bem como para tipificar a respetiva arquitetura, as funcionalidades associadas, e identificar o seu uso social bem como relacionar a arquitetura com a respetiva identidade cultural.

Os edifícios podem ser caracterizados como objetos funcionais em que os materiais ou elementos são estruturados de modo a que funcionem para uma finalidade ou conjunto de finalidades. Acresce a estes, a dimensão do estilo, constituída pela decoração, embelezamento ou mesmo modificações de forma, que se tornam um meio pelo qual as identidades culturais são conhecidas e perpetuadas. Os edifícios reúnem elementos de um objeto físico com uma certa forma, mas também criam e ordenam os volumes de espaço vazio, resultando num padrão com significado cultural.

Podem ser analisados e comparados em termos de como os seus compartimentos são organizados e se encontram relacionados entre si, e como intermedeiam na relação entre os ocupantes e aqueles que entram como visitantes, relacionando-se a disposição espacial com os princípios organizadores da sociedade (Hillier & Hanson, 1984, p. 143).

Um dos principais problemas colocados por um espaço construído doméstico é o da sua análise espacial a partir dos seus vestígios arqueológicos preservados. Esta análise tem particular interesse para a identificação dos espaços funcionais, dos espaços de circulação e permeáveis, bem como da sua visibilidade e imposição na paisagem, que se pode relacionar com o rendimento e a importância social e política dos seus habitantes ou proprietários.

A casa, enquanto edifício para habitar, espaço para a família, constitui um enquadramento social privilegiado em que o espaço doméstico construído é um produto social que por sua vez cria a sociedade, ao mesmo tempo que funciona como meio de expressão e transmissão de condutas e comportamentos (Gutiérrez Lloret, 2015, p. 139).

A metodologia arqueológica é essencial para a observação e análise dos espaços domésticos remanescentes no registo arqueológico, bem como para a realização de uma abordagem taxionómica da respetiva arquitetura.

Salienta-se que, nos casos aqui abordados, os grandes aspetos arquitetónicos conservados são essencialmente os elementos pétreos, relativos às fundações, bem como os vestígios de lareiras, fossas de armazenamento ou vestígios da cobertura e buracos de poste, sendo praticamente ausentes vestígios de técnicas decorativas.

Um grande número de casas camponesas documentadas dos séculos VI e VII no noroeste peninsular, está definido por fundações em pedra e alçados em materiais como a terra e a madeira. A maior parte das construções são formadas por plantas retangulares, monocelulares, sem divisões interiores ou com uma única divisão. Em algumas ocasiões foram escavados edifícios de planta complexa, formada por agregações de várias unidades elementares, retangulares, que compreendem, três ou quatro ambientes diferenciados (Vigil-Escalera, 2003, pp. 287-291). Em Góñez as fundações eram em blocos de pedra ligados por argila ou barro. Os alçados seriam em taipa ou adobe e a cobertura em telha curva, cuja produção não cessou na Península Ibérica na Alta

Idade Média (Quirós Castillo, 2011, p. 74).

As evidências arqueológicas parecem apontar para um culminar na transformação das casas, na organização espacial de âmbito doméstico e na mais geral ordenação do povoamento rural ao redor de 711. É difícil perceber, com os dados hoje existentes, se este processo se iniciou no século VII fruto de instabilidades várias, ou se será resultado da conquista islâmica ou, ainda, se resulta de uma mudança económica ou social (Vigil-Escalera Guirado, 2011, p. 199).

Durante os séculos VI e VII o território toledano esteve densamente ocupado por aldeias e granjas, formando uma rede contínua de assentamentos estáveis, sem vazios, que dará lugar durante o século VIII a uma trama descontínua de pequenos assentamentos, que oferecem sequências de ocupação mais curtas (Vigil-Escalera Guirado, 2011, pp. 197-198).

Estes são dados que apontam para a concentração populacional nas cidades, com êxodo rural, ou para um colapso demográfico. A peste, bem como as fomes que a antecederam nos séculos VII e VIII, terão implicado alterações populacionais que levaram à rutura da força de trabalho rural, o que se traduziu num grande número de leis regulatórias e compulsórias do trabalho agrícola, e em particular do trabalho servil, que poderão ter resultado de uma crise demográfica (Kulikowski, 2007, pp. 156-157).

No Baixo Alentejo, a única diferença real entre a arquitetura da casa de transição (séculos VII-VIII) e o modelo da casa islâmica (séculos XI-XII), é que a planta desta última possui uma profundidade adicional, organizada a partir de um pátio de entrada. No período pós-medieval, as plantas refletem uma mudança radical na organização do espaço doméstico, cujo acesso se faz pela cozinha, e em que a lareira é o coração da casa, num padrão típico da Europa Ocidental (Boone, 2001, pp. 117-118).

No meio rural medieval do centro peninsular, a casa é muito mais do que o espaço contido pelas paredes da habitação. Uma imagem recorrente é a oferecida pelas aldeias formadas por várias dessas unidades domésticas, justapostas, geralmente ao longo da margem de um riacho, geralmente espaçadas por parcelas agrícolas, como no caso de El Pelicano (Arroyomolinos), onde um denso conjunto de edifícios foi reconstruído ao longo de várias gerações no mesmo local entre o final do século V e finais do VI (Vigil-Escalera Guirado, 2015, pp. 197-198).

3. OS SÍTIOS ESTUDADOS

Do conjunto de 17 sítios atribuídos ao período entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, a maioria encontrava-se muito destruída. As práticas agrícolas, com lavras dos solos até à rocha base, levaram a constatar que, da existência de habitats, somente restava o material que eventualmente constituiu os muros das estruturas, como pedras em quartzo e xisto, e os restos, muito fragmentados e rolados, de cerâmica de construção e comum.

Não foi assim possível identificar a organização e funcionalidade em 11 dos seguintes locais: Espinhaço 11, Monte Roncanito 13, Monte Roncão 13, Monte Roncanito 18, Cabeçana 3, Monte Barbosa 5, Cabeçana 7, Monte Musgos 3, Monte Roncanito 14, Monte Roncanito 2 e Monte Roncão 12².

Foram, pois, selecionados os remanescentes seis sítios, considerados como os mais relevantes da amostra, quer devido ao razoável estado de conservação das respetivas estruturas, quer aos indícios ou à significância do espólio presente.

Assim, aborda-se seguidamente a arquitetura de Cabeçana 4, Espinhaço 7, Monte Roncanito 10, Espinhaço 4, Monte Roncão 10 e Espinhaço 5³.

Pese embora a forte destruição causada no sítio Cabeçana 4 pelos trabalhos agrícolas, e a fraca potência estratigráfica, foi possível identificar no local dois núcleos de construção, certamente relacionados entre si.

O núcleo principal, em melhor estado de conservação, apresentava várias fases de construção. Na primeira etapa construtiva, traçaram-se os eixos estruturantes do edifício que configuraram o núcleo central, com um eixo de circulação em seu redor. Num momento posterior são construídos outros ambientes, mediante o levantamento de muros justapostos e adossados, e o recurso a técnicas construtivas menos cuidadas. Não foram detetadas estru-

2. Com o código nacional de sítio (CNS), respetivamente: Espinhaço 11, CNS 16356; Monte Roncanito 13, CNS 16349; Monte Roncão 13, CNS 16362; Monte Roncanito 18, CNS 13619; Cabeçana 3, CNS 13614; Monte Barbosa 5, CNS 13590; Cabeçana 7, CNS 13602; Monte Musgos 3, CNS 16374; Monte Roncanito 14, CNS 16367; Monte Roncanito 2, CNS 13572; Monte Roncão 12, CNS 16355.

3. Com o código nacional de sítio (CNS), respetivamente: Cabeçana 4, CNS 13599; Espinhaço 7, CNS 16382; Monte Roncanito 10, CNS 13604; Espinhaço 4, 16350; Monte Roncão 10, CNS 16348; Espinhaço 5, CNS 16358.

turas fixas de combustão, que permitam diferenciar claramente uma função dominante em cada um dos espaços, excetuando o compartimento de maiores dimensões que parece ter sido destinado ao armazenamento.

As espessuras dos muros oscilam entre os 0,60-0,70 m, mais vulgarizados, e 1 m, com paredes faceadas e justapostas, associadas a eventuais reformulações dos interiores dos edifícios. Com exceção do empedrado no ambiente A, as estruturas eram compostas por aparelhos mistos, com recurso a xisto e quartzo, não tendo sido detetada uma utilização preferencial de determinada matéria-prima em detrimento de outra. As paredes seriam erguidas muito provavelmente em terra, constatada pela ausência de materiais pétreos nos níveis que colmatavam a estação e pela presença, sobretudo no ambiente F, de depósitos sedimentares compostos por nódulos de barro, que deverão ter correspondido a um eventual revestimento e à construção dos muros.

Os derrubes de telhas, encontrados em praticamente todos os espaços, sugerem edifícios totalmente cobertos por telhados, sendo possível que alguns espaços não estivessem completamente fechados, constituindo alpendres.

O nível de chão corresponderia ao próprio afloramento rochoso, sobre o qual foi recolhida a grande parte do material exumado, não tendo sido observados vestígios de pisos térreos e/ou lajeados estruturados, com exceção do empedrado do espaço A. O facto do próprio afloramento se encontrar relativamente regularizado, a uma quota mais ou menos constante, salvo áreas onde se encontra escavado, também terá contribuído para a sua utilização como nível de solo/circulação.

É, igualmente, no afloramento, que são abertas estruturas de apoio às coberturas, buracos de poste, que serviriam para sustentar a cobertura de vãos relativamente amplos, como parece ser o caso do espaço dos ambientes F e G, o mais extenso de todos os compartimentos edificadas. A este, localiza-se o acesso a estes espaços, a partir de um vão com cerca de 1 m de largura, realçado pela presença de uma laje de soleira em xisto, com a marca de um orifício para gonzo.

As técnicas de construção observadas apresentam, assim, alguma diversidade, inclusivamente no mesmo espaço, realçando a capacidade de adaptação e o carácter moldável destes modelos arquitetónicos, assim como momentos de remodelação e/ou re-

construção das estruturas. A técnica dominante utilizava blocos pétreos de xisto e quartzo afeiçãoados, dispostos de forma transversal e/ou perpendicular, preenchidos com blocos menores e ligados com terras argilosas, com a disposição de elementos pétreos em cunha travando os cantos para reforçar as estruturas. Também foi utilizada a técnica de colocação de lajes de xisto imbricadas e dispostas perpendicularmente, com o interior preenchido com blocos de xisto e quartzo, e terras argilosas e compactas. Outra técnica registada é a construção em perpianho.

Deste modo, o sítio de Cabeçana 4 corresponde à habitação de uma pequena comunidade camponesa, que, dadas as dimensões das construções escavadas, poderá corresponder a uma família alargada. Este teria alguma capacidade de armazenar excedentes agrícolas, dada a abundância de grandes contentores, constituindo, o local, uma possível exploração agrícola de razoáveis dimensões, com alguma capacidade de entrar numa dinâmica de trocas de âmbito local.

Pese as dificuldades para precisar a cronologia do sítio, tanto da sua construção como do seu abandono, a informação disponível, nomeadamente a longa evolução das construções e paralelos encontrados para o seu espólio, permite considerar a sua ocupação contínua, desde o século V. O abandono, em torno aos finais do século VIII, poderá ter acontecido de forma rápida, não se verificando uma progressiva diminuição do espaço ocupado pela comunidade.

No caso do sítio Espinhaço 7, a erosão natural, acentuada pelos trabalhos agrícolas, terá contribuído para a forte destruição deste sítio arqueológico, onde foram identificados diversos vestígios pétreos de uma estrutura habitacional de grandes dimensões. Era composta por quatro muros em pedra de quartzo e xisto, colmatados com um ligante argiloso, e corresponderia a um compartimento/ambiente com cerca de 19 m² de área total, alinhado numa orientação nordeste/sudeste. Os muros apresentavam uma espessura variável, entre os 0,60 m e os 0,90 m, e alçado conservado entre os 0,18 m e os 0,57 m. Estes apresentavam uma técnica construtiva com recurso à colocação de blocos pétreos afeiçãoados, maioritariamente em quartzo, e à técnica do perpianho, blocos imbricados, dispostos em cutelo com um enchimento interior de blocos menores e terra argilosa. Registou-se, também, a presença de valas de fundação ou preparações do afloramento para construção, em dois casos.

Igualmente notória foi a ausência de qualquer evidência de um nível de pavimento no interior da estrutura, indiciando uma possível utilização do afloramento rochoso como tal, ou a extrema destruição do local, marcada nas próprias estruturas, na ausência de outras construções domésticas e na escassez de materiais cerâmicos recolhidos no seu interior.

A extrema destruição do local não permitiu a identificação do vão de acesso a este espaço, uma vez que os alçados se encontravam conservados abaixo da cota das paredes, ao nível das fundações, fator reforçado pela largura dos mesmos.

Apesar da destruição verificada, o sítio em questão revela algum interesse, sobretudo pela estrutura de habitat detetada, bem como pelo diminuto e fragmentado espólio cerâmico exumado, com a presença de um fragmento de tégula, que levaram a atribuir a este local uma cronologia imprecisa, entre os séculos VI e VIII.

Saliente-se a proximidade deste sítio arqueológico com os do Espinhaço 4, Espinhaço 5 e Espinhaço 11, outros habitats alto-medievais que se implantaram junto da mesma linha de água secundária.

O sítio do Monte Roncanito 10 estendia-se por uma plataforma alongada onde se identificaram três núcleos de ocupação simultânea. Dois destes, distando entre si cerca de 130 m, apresentavam estruturas que sugerem a existência de duas construções independentes, mas que devem ter sido utilizadas contemporaneamente.

As técnicas construtivas revelam uma variedade significativa de soluções, que passam pela utilização da matéria-prima local, a pedra, mas com diversos calibres, morfologias e em distintas disposições. Documenta-se tanto a utilização de blocos aproximadamente quadrangulares, como de lajes verticais faceando os muros, como a técnica do perpianho, todos eles utilizando a terra como ligante. Isto permite afirmar a utilização em simultâneo de diferentes opções e, consequentemente, o domínio destas. Em qualquer dos casos, os muros são embasados em valas de fundação abertas na rocha. A reduzida largura dos compartimentos adequa-se ao modelo de cobertura com telha de meia-cana documentada nos derrubes. Os pavimentos receberam um reduzido tratamento de regularização do afloramento xistoso. O núcleo situado num dos extremos da plataforma parece corresponder ao local principal de habitação. Neste sentido, acresce que a sua implantação é próxima dos eixos viários de comunicação existentes

que, dada a topografia do terreno, seria a localização mais indicada em qualquer época para servir de acesso ao habitat. Os vestígios encontrados sugerem tratar-se de um edifício com vários compartimentos, dos quais só foi escavado um.

O Ambiente 1 que foi aqui posto a descoberto, possui razoáveis dimensões, concentrando quase todo o espólio encontrado no sítio. Corresponde a um espaço de planta retangular, com uma área de cerca de 13 m² e uma orientação nordeste/sudoeste. A sua delimitação era efetuada pelas já referidas estruturas, que se encontravam muito destruídas, sendo evidente o recurso à colocação de blocos pétreos colmatados com terra argilosa e avermelhada nos muros divisórios sul e norte, e a presença da técnica do paramento faceado com lajes de xisto dispostas verticalmente, ocasionalmente em cunha, com o interior preenchido maioritariamente com terra (solução observada no muro oeste).

Não foi identificado qualquer vão de acesso ao Ambiente 1, ainda que seja de supor que este fosse efetuado a partir do sector este, delimitado por um muro muito destruído, que corresponderia ao seu fecho, que se encontrava parcialmente coberto pelas terras de enchimento/colmatagem do sítio arqueológico. Estas estruturas murárias assentavam diretamente sobre o afloramento rochoso, que aqui poderá ter funcionado como estrato nivelador ou pavimento do Ambiente 1. Inserida nos muros deste espaço encontrou-se uma mó em granito, indiciando a sua reutilização.

Este espaço integraria um complexo de maiores dimensões, como se depreende da continuação das estruturas murais, indiciando a presença de outros espaços/ambientes a este, oeste e norte.

Dada a diversidade funcional, o espólio contribui para afirmar o carácter habitacional da edificação, onde, para além das habituais formas cerâmicas de armazenamento, se exumaram objetos de cozinha e de mesa, destacando-se um fragmento de candil, utensílio que imprime um certo requinte ao conjunto e evidencia ligações com núcleos urbanos onde as trocas com outras áreas geográficas seriam frequentes. Trata-se essencialmente de produções de carácter regional com cronologias atribuídas dos séculos IX-XI.

O Monte Roncanito 10 não seria apenas um habitat isolado, mas, provavelmente, o centro habitacional de uma quinta, um eventual complexo agropecuário de maior sofisticação arquitetónica.

No habitat designado por Espinhaço 4, após a re-

moção das camadas iniciais do solo, observaram-se diversos troços de muro da estrutura visível à superfície, compostos por pedras de xisto e quartzo de médio e grande calibre, dispostas em perpianho e colmatadas com terras argilosas. Esta estrutura foi denominada Ambiente 1 e possuía planta quadrangular, com cerca de 16 m², com os muros relativamente bem conservados, assentes diretamente no substrato rochoso, apresentando um alçado entre os 0,20 e 0,40 m de altura e uma espessura média de 0,45 m, definindo um espaço interior onde o estrato foi interpretado como um nível de destruição/derube da estrutura, revelando uma grande percentagem de cerâmica de construção e uma relativa concentração de pedras de xisto de média dimensão.

Não foi identificado qualquer tipo de vão ou acesso ao interior da estrutura, uma vez que o alçado conservado se encontrava ao nível da fundação, nem qualquer nível de pavimento/solo, o que permite equacionar o uso do afloramento como "chão" no interior da estrutura.

A exiguidade dos vestígios e as dimensões reduzidas da estrutura quadrangular identificada não permitem confirmar com segurança a natureza do tipo de estrutura patente, devendo corresponder a uma habitação mononuclear ou a uma instalação de apoio aos trabalhos agrícolas no meio rural.

O espólio encontrado, consentâneo com a interpretação do sítio como um habitat rural, pouco contribui para esclarecer a cronologia do sítio, que enquadrámos de forma genérica no Período Medieval.

A proximidade deste sítio com o de Espinhaço 5, aliada à descoberta de um novo local, a escassos 100 m a este da estação arqueológica, permite equacionar um padrão de implantação de diminutos casais agrícolas, disseminados em reduzidas elevações junto de pequenas várzeas.

Com a intervenção no Monte Roncão 10, foram identificados diversos vestígios de estruturas, concentradas em cerca de três núcleos, coexistindo distintas estruturas em cada núcleo, o que evidenciou a presença de distintos espaços ou ambientes.

O elevado grau de destruição deste sítio não permitiu confirmar se se tratava de vestígios de uma ou mais estruturas distintas ou partes de um conjunto arquitetónico de maiores dimensões, uma vez que a ausência de relação direta das estruturas entre si pode estar relacionada com a profunda ação agrícola que afetou o local, ou igualmente com a presença de espaços abertos interiores e exteriores.

A Estrutura/Núcleo I, situada a norte, encontrava-se definida por quatro muros pétreos construídos com pedras de xisto de dimensões variadas e terra argilosa, que assentavam diretamente sobre o afloramento, com uma espessura de cerca de 0,40 m e um alçado conservado entre os 0,20 e os 0,40 m de altura. O Muro A conservado no sentido este/oeste, possuía 14 m de comprimento e definia um canto com um segundo muro (Muro B) com cerca de 3 m de largura, que terminava abruptamente, destruído pela lavra, definindo um primeiro ambiente (Ambiente I). Do Muro A, partiam ainda outras estruturas, para sul e norte respetivamente (Muros D e C), deixando intuir outros espaços que, devido à destruição abrupta dos muros, não foi possível caracterizar. Em área contígua ao Muro A, foi ainda identificado, sob as raízes de uma oliveira, um conjunto de lajes de xisto niveladas, assentes sobre o afloramento xistoso que deveriam corresponder ao pavimento em xisto desta área. Aproximadamente a 12 m a sul da Estrutura/Núcleo I foi identificada a Estrutura/Núcleo II, composta por dois muros de pedras de xisto de calibre diverso e terra argilosa. O troço de muro de maior comprimento, cerca de 7 m, possuía uma orientação nor-noroeste/su-sudeste, com uma espessura máxima de 0,50 m e um alçado médio de 0,15 a 0,20 m, construído diretamente sobre o afloramento rochoso e muito danificado pelos trabalhos agrícolas. Aqui foi identificado um vão, sugerindo uma entrada ou acesso a um outro ambiente.

A Estrutura/Núcleo III localizava-se a cerca de 10 a 12 m a sul da Estrutura/Núcleo I, e a aproximadamente 4 m a oeste da Estrutura/Núcleo II. Tratava-se de um pequeno troço de um muro em pedra de xisto, orientado no sentido su-sudoeste/nor-nordeste, com cerca de 2,6 m de comprimento. Encontrava-se bastante destruído e a sua espessura máxima rondava os 0,60 m, com duas fiadas de pedra ligadas com terra argilosa, com cerca de 0,20 m de altura conservada. Era ainda visível a sua continuação para noroeste, apesar da ausência de qualquer relação direta com a Estrutura/Núcleo II.

A diversidade e amplitude dos vestígios arqueológicos identificados no Monte Roncão 10 atesta a existência neste local de um complexo habitacional de grandes dimensões, do qual foram identificados cerca de três núcleos de estruturas, de maior ou menor complexidade, e afastados entre si. Estes conjuntos definiam espaços interiores ou ambientes, demonstrando uma orgânica interna, com evidência de pos-

síveis vestígios de estruturas de pavimentação associadas, como lajeados de xisto.

Estes contextos compunham, assim, uma realidade habitacional de dimensões mais alargadas, pontuada pela existência de silos/estruturas de armazenamento e interfaces negativos em áreas contíguas, que poderiam pertencer a um único complexo, com presença de espaços abertos interiores, como pátios ou logradouros, ou de um eventual habitat com distintos espaços de utilização.

A diversidade formal e abundância do espólio recolhido atesta também este cariz habitacional do local, destacando o Monte Roncão 10 como um habitat rural do período cristão, posterior à conquista no século XIII, revelando uma cultura material que consagra a singularidade do sítio neste contexto rural.

Os trabalhos arqueológicos no local designado como Espinhaço 5 permitiram identificar uma única edificação, aparentemente isolada, em que a técnica de construção da estrutura era similar aos já mencionados habitats escavados de cronologias coevas. Esta estrutura foi construída com placas/lajes de xisto cravadas verticalmente no solo, em perpianho, com um enchimento de terras argilosas, encontrando-se conservada em uma a duas fiadas de pedra e numa largura de cerca de 0,60 m. Desconhece-se como se processava a construção em altura, se em pedra ou com recurso a adobe ou taipa.

O conjunto de muros detetados pertenciam a uma única estrutura, constituindo apenas um compartimento ou ambiente que foi possível delimitar na totalidade. Este espaço apresentava planta retangular, com cerca de 6 m por 3,3 m, com uma área aproximada de 20 m².

A compreensão dos processos pós-posicionais da área da intervenção, onde o subsolo apresentava uma escassa potência, entre 0,10 m a 0,20 m de espessura, explica a escassa conservação das estruturas e dos níveis no seu interior, onde ainda foi observada uma estrutura de combustão e uma pequena caixa constituída por pequenos blocos de xisto. Ainda no seu interior, um estrato parece indicar a presença de vestígios do derrube do telhado da estrutura, composto por telhas de meia cana. O espólio recolhido é muito pobre. Contudo, a presença de alguma loiça de cozinha indicia tratar-se de um espaço de habitação rural, com escassas ligações com ambientes urbanos, tendo-se apontado, devido às características técnicas do vasilhame, para uma cronologia do final da Idade Média, ou inícios do Período Moderno.

4. SÍNTESE FINAL E PERSPETIVAS

A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais no troço médio do vale do Guadiana envolve um conjunto de variáveis em que, não só os recursos naturais e as condições ecológicas, mas também a demografia e o sentimento de segurança, vão ser determinantes no conturbado período situado entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média.

A maioria dos sítios estudados localiza-se em rechãs ou pequenas plataformas situadas nas zonas interfluviais, junto a talvegues pouco pronunciados e, nalguns casos, em terraços fluviais ou junto a pequenas várzeas abertas, o que denuncia um padrão de ocupação baseado essencialmente na proximidade dos tributários do rio Guadiana, principal recurso da área de estudo.

Dos dados observados, salienta-se que os grandes aspetos arquitetónicos conservados são essencialmente os elementos pétreos relativos às fundações dos edifícios, onde o escasso espólio, proveniente de estratos revolvidos pelos trabalhos agrícolas, permite ensaiar aproximações funcionais dos espaços e atribuir cronologias aproximadas.

Em suma, em relação aos conjuntos edificados intervencionados, as técnicas construtivas não são muito sofisticadas e utilizam o material local: pedra de xisto, quartzo e terra, sendo as estruturas em taipa com alicerces em quartzo, ou em placas de xisto cravadas no afloramento. Não obstante, a presença de diferentes técnicas construtivas e as soluções arquitetónicas identificadas, por vezes, num mesmo local, traduzem um claro domínio tecnológico das matérias-primas locais e uma adaptação socioeconómica ao território onde estas comunidades se inserem.

Quanto à organização e modelo do habitat, o conjunto das estações intervencionadas pode ser agrupado em três tipos: montes, conjuntos formados por moradia e edificações de apoio para exploração agrícola de reduzida extensão, onde viveria ou uma família nuclear ou uma família alargada; casais, constituídos por estruturas habitacionais dispersas no território, em conexão com outras de natureza semelhante, eventualmente organizadas em torno de um monte; e, por último, as casas de apoio a trabalhos agrícolas, destinadas a ocupações sazonais, de apoio à atividade agrícola e pecuária, ou para armazenamento e abrigo temporário de colheitas e alfaia.

Esta distinção tipológica não corresponde a uma evolução cronológica linear, mas antes a uma coe-

xistência entre diferentes e hierarquizados tipos de sítios, organizados numa estrutura de povoamento articulada, ao longo dos diferentes séculos.

São exemplos do primeiro tipo de sítios, os montes, Cabeçana 4 (com ocupação sobretudo alto medieval, séculos V-VIII), Monte Roncanito 10 (séculos IX-XI), Monte Roncão 10 (habitat da Baixa Idade Média, séculos XIII-XIV).

Podemos, portanto, verificar que em todos os períodos encontramos este tipo de núcleos de povoamento que, embora com localizações diferentes, espelham a continuidade de uma forma específica de ocupação do território em que prima a proximidade do grupo camponês ao meio que lhe providencia o sustento.

No segundo grupo tipológico, os casais, temos como exemplos o Espinhaço 4 e o Espinhaço 5, em que a estrutura habitacional é reduzida ao mínimo para albergar uma família.

Relativamente ao terceiro grupo, correspondente às casas de apoio às atividades agrícolas, regista-se o muito destruído Espinhaço 7.

Alguns destes exemplos correspondem à existência de sítios polinucleados, como é o caso do Monte Roncanito 10, onde um edifício principal teria nas proximidades, embora a 100 ou 200 m, estruturas de apoio de características técnicas construtivas semelhantes, mas de dimensões mais reduzidas e tipologias diferentes, que podem corresponder a diferentes áreas de suporte à exploração agrícola e/ou a núcleos de habitat derivados do polo original.

Quanto às outras estruturas compostas apenas por um único compartimento retangular, poderão não corresponder a ocupações contínuas, mas antes a ocupações de âmbito sazonal, ou mesmo constituir núcleos secundários de habitação, dedicados as atividades específicas, como por exemplo a pecuária.

Em síntese, os edifícios estudados apresentam, assim, ao nível da sua arquitetura, diferentes orgânicas internas e externas, adaptadas às necessidades dos seus habitantes ou utilizadores e ao território onde se encontram inseridos, organizando-se desde um núcleo central ou em sítios polinucleados.

Apresentam ao nível da sua arquitetura diferentes funcionalidades, que essencialmente correspondem a dois tipos de edifícios: um com estruturas complexas, onde se identificaram vários compartimentos; um outro correspondente a estruturas elementares, baseadas num único compartimento com a forma retangular.

Este último tipo reproduz a célula fechada do domí-

nio exclusivo dos seus habitantes ou utilizadores, por contraste com a célula aberta, local de interação entre o habitante-visitante. Mas esta estrutura elementar é enganadora, sendo necessário interpretar os detalhes chave para se apreender a complexidade da sua organização intrínseca, que poderá resultar mais de uma necessidade estrutural funcional do que de uma tradição cultural herdada (Hillier & Hanson, 1984, pp. 176-177).

A problemática da arqueologia doméstica, da casa enquanto espaço social, requer assim o desenvolvimento de um maior número de trabalhos que permita traçar, para esta região, e para este período, um panorama mais completo e, quiçá, mais direcionado para o reconhecimento da orgânica dos espaços interiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOONE, James L. (2001) – Tribalism, Ethnicity, and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: Preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements. *Era*. Lisboa: Era, Arqueologia/Colibri, 4, pp. 105-121.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (2015) – Gramática de la casa. Perspectivas de análisis arqueológico de los espacios domésticos medievales en la península Ibérica (siglos VII-XIII). *Arqueología de la Arquitectura*. 9, pp. 139-164.

HILLIER, Bill; HANSON, Julianne (1984) – *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 281 p.

KULIKOWSKI, Michael (2007) – Plague in Spanish Late Antiquity. In LITTLE, Lester K., ed. – *Plague and the End of Antiquity: The Pandemic of 541-750*. Cambridge University Press, pp. 150-170.

MARQUES, João; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GRILO, Carolina; BATATA, Carlos (2013) – *Povoamento rural no troço médio do Guadiana entre o rio Degebe e a ribeira do Alamo (Idade do Ferro e períodos medieval e moderno): Bloco 14 – intervenção e estudos no Alqueva* (Memórias d’Odiara, 2.^a Série, 13). Beja: EDIA/DRC-Alentejo, p. 421.

MARQUES, João (2023) – Arqueologia e arquitetura doméstica rural, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal). In FERNANDES, Isabel Cristina; SANTOS, Michelle Teixeira; CORREIA, Miguel Filipe (coord.) – *Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [Do Neolítico ao Período Medieval]*. Palmela: Município de Palmela, pp. 167-182.

QUIRÓS CASTILLO, J. A. (2011) – La arquitectura doméstica de los yacimientos rurales en torno al año 711. *Zona arqueológica (711. Arqueología e história entre dos mundos)*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, 15, 2, pp. 65-84.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2003) – Arquitectura de tierra, piedra y madera en Madrid (ss. V-IX d C). Va-

riables materiales, consideracionessociales. *Arqueología de la Arquitectura*. 2, pp. 287-291.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2011) – Formas de poblamiento rural en torno al 711: documentación arqueológica del centro peninsular. *Zona arqueológica* (711. *Arqueología e história entre dos mundos*). Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, 15, 2, pp. 189-204.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2015) – El espacio doméstico en el ámbito rural del centro de la Península Ibérica entre los siglos V y IX d.C. In DÍEZ JORGE, María Elena (ed. lit.); NAVARRO PALAZÓN, Julio (ed. lit.) – *La casa medieval en la Península Ibérica*. Madrid: Sílex, pp. 519-539.



Figura 1 – Indicação da área de estudo em mapa de Portugal continental.

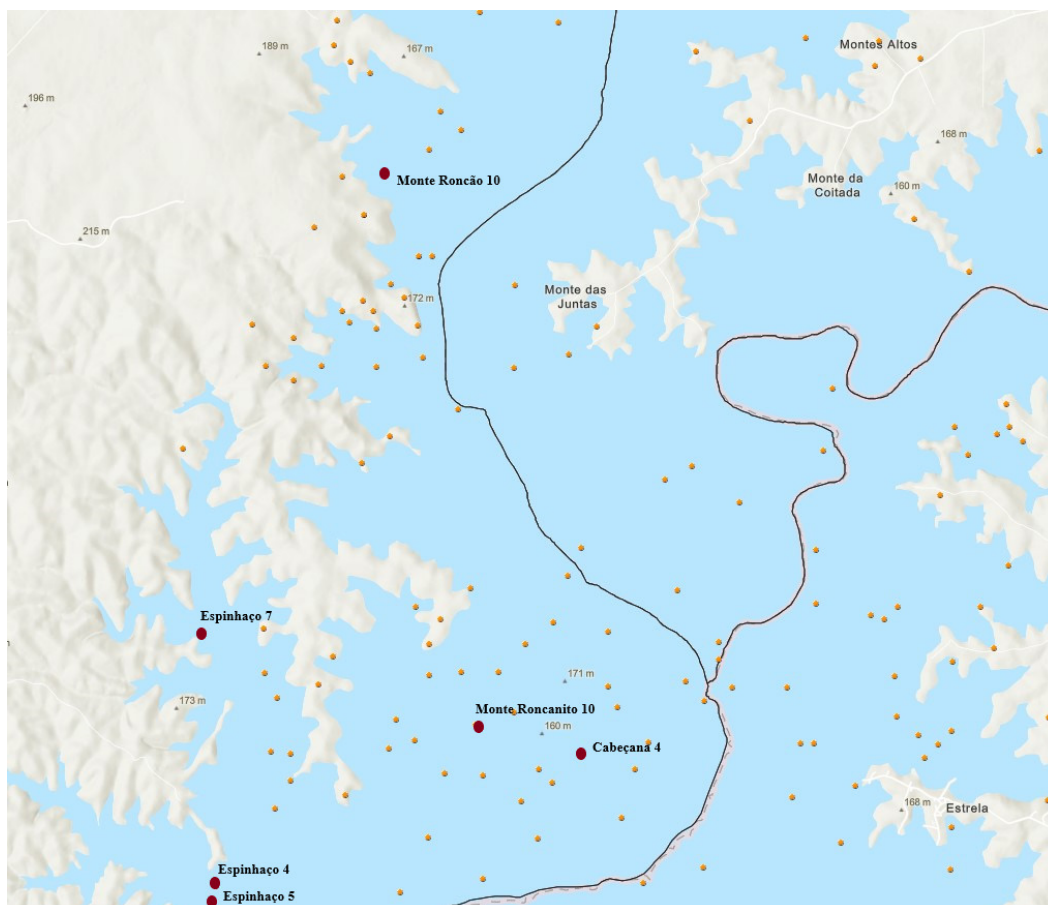


Figura 2 – Implantação cartográfica dos sítios estudados (fonte: DGPC/Portal do Arqueólogo/Geoportal).



Figura 3 – Cabeçana 4. Vista geral para nordeste após a desmatção em 2002.



Figura 4 – Cabeçana 4. Eventual pedra de soleira com orifício para o gonzo da porta.

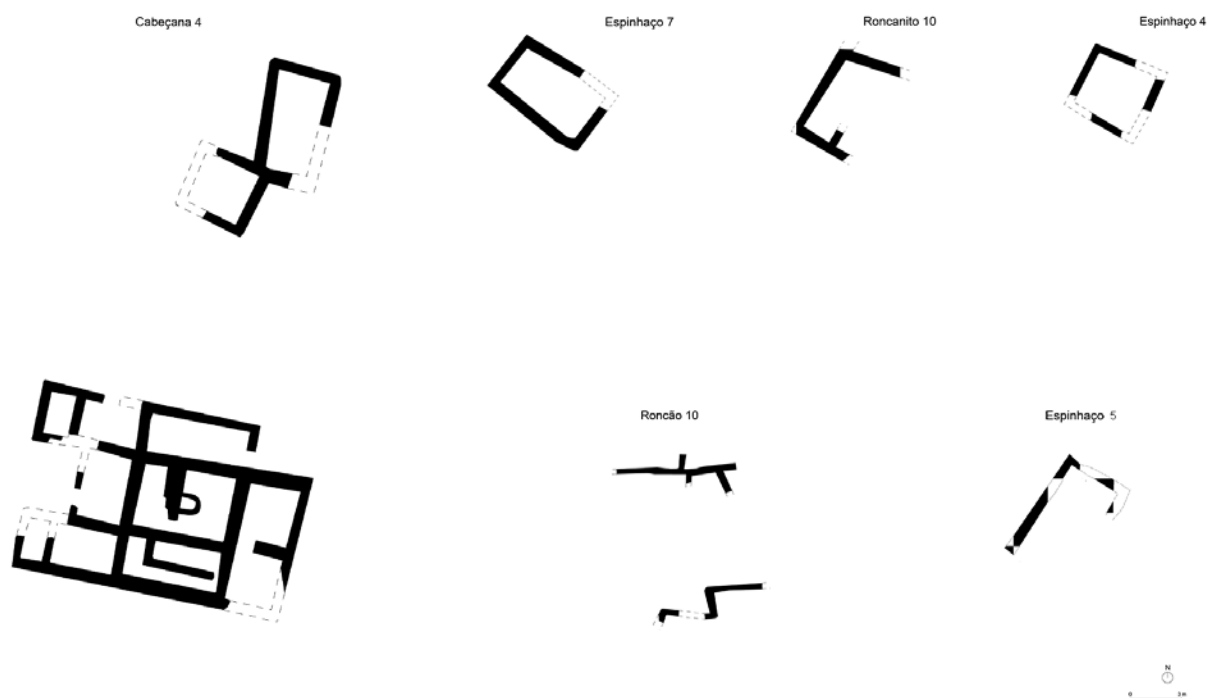


Figura 5 – Ilustração síntese das plantas interpretadas dos edifícios estudados.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**